RECEPÇÃO DO ACADÊMICO PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Discurso do Recipiendário e Saudação do Acadêmico Cláudio Veiga

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

RECEPÇÃO DE PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

EM 20.06.91

Em meio ao passado e o futuro

Minha geração é talvez a última a ter a fortuna de conhecer uma Salvador ainda unitária, urbana e bela, suspensa em meio ao oceano e o golfo e ornada de dunas, lagoas e vales. As reformas do início do século, embora subtraindo-lhe importantes monumentos, não haviam conseguido destruir sua topografia, seu verde, sua escala e suas amplas panorâmicas.

Mas a partir dos anos 50 iniciou-se a destruição silenciosa, anônima e sistemática de toda uma cidade, sem outro propósito senão a engorda e multiplicação do solo urbano, convertido em mercadoria e bolsa. Não apenas a produção arquitetônica centenária, como a tectônica milenar foram sendo arrasadas sorrateiramente. O que não pôde ser demolido ou terraplenado, por força da lei, foi abandonado e marginalizado. Desapareceram sob cortinas de espessa mediocridade o céu, o mar, o verde e a própria cidade, inutilmente.

Devo ao poeta e Acadêmico Godofredo Filho, infelizmente ausente nesta noite por motivos de saúde, a iniciação, ainda estudante, nesta campanha, no 3º Distrito da antiga SPHAN. Vinha de acalorados debates sobre arquitetura e arte na velha escola da rua do Tijolo, em que se esgrimavam Lina Bardi, Diógenes Rebouças, Admar Guimarães, Romano Gallefi, Mário Cravo, e não raro Glauber Rocha, cuja presença provocava sempre pequenos abalos. Vivíamos um tempo novo, de discussão dos problemas brasileiros, de construção de Brasília, do Concretismo, do Cinema Novo. Na Bahia, construía-se, sob projeto ambicioso, o Teatro Castro Alves. O Brasil era todo futuro, na democracia emergente de Juscelino Kubitscheck. Foi há muito tempo e não se pode voltar ao futuro.

Do 3º Distrito acompanhei de perto o trabalho lúcido e tenaz de Rodrigo Melo Franco, de Lúcio Costa e dos modernistas da SPHAN de inserção da nova arquitetura e reciclagem de nossas velhas cidades, de forma orgânica, não substitutiva. Nesta escola aprendi que a defesa do patrimônio, passado e presente, não se logra apenas na prancheta ou no canteiro. Tive assim de trocar, muitas vezes, a régua e o

Discurso de Paulo Ormindo de Azevedo

Senhores Acadêmicos,

Tendo enveredado pelos caminhos da técnica e da arte, jamais acalentei a pretensão de atravessar os umbrais desta venerada Casa, cujas portas me abris, como num sonho, neste instante de "solene simplicidade". Cruzo o portal não de qualquer academia, mas da Academia de Letras da Bahia, minha terra, onde encontro o amparo afetuoso de meu pai e dos amigos que fiz ainda na escola e ao longo da vida profissional para enfrentar o peso da responsabilidade deste novo desafio.

Academia onde convivem cordialmente todas as tendências do pensamento baiano e que não se satisfaz em ser, passivamente, a guardiã do saber, lutando contra o marasmo que ameaça a vida cultural provinciana e os interesses estranhos que tentam subtrair o único patrimônio de nosso povo, sua cultura.

Chego a esta Academia por vossa condescendência, sem outra credencial a não ser a de ter dedicado 32 anos de profissão, na antiga SPHAN, na Universidade Federal da Bahia, e no Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, à luta contra a razia desvairada do patrimônio desta terra. Luta solidária de todos aqueles que amam esta cidade.

Em meio ao passado e o futuro

Minha geração é talvez a última a ter a fortuna de conhecer uma Salvador ainda unitária, urbana e bela, suspensa em meio ao oceano e o golfo e ornada de dunas, lagoas e vales. As reformas do início do século, embora subtraindo-lhe importantes monumentos, não haviam conseguido destruir sua topografia, seu verde, sua escala e suas amplas panorâmicas.

Mas a partir dos anos 50 iniciou-se a destruição silenciosa, anônima e sistemática de toda uma cidade, sem outro propósito senão a engorda e multiplicação do solo urbano, convertido em mercadoria e bolsa. Não apenas a produção arquitetônica centenária, como a tectônica milenar foram sendo arrasadas sorrateiramente. O que não pôde ser demolido ou terraplenado, por força da lei, foi abandonado e marginalizado. Desapareceram sob cortinas de espessa mediocridade o céu, o mar, o verde e a própria cidade, inutilmente.

Devo ao poeta e Acadêmico Godofredo Filho, infelizmente ausente nesta noite por motivos de saúde, a iniciação, ainda estudante, nesta campanha, no 3º Distrito da antiga SPHAN. Vinha de acalorados debates sobre arquitetura e arte na velha escola da rua do Tijolo, em que se esgrimavam Lina Bardi, Diógenes Rebouças, Admar Guimarães, Romano Gallefi, Mário Cravo, e não raro Glauber Rocha, cuja presença provocava sempre pequenos abalos. Vivíamos um tempo novo, de discussão dos problemas brasileiros, de construção de Brasília, do Concretismo, do Cinema Novo. Na Bahia, construia-se, sob projeto ambicioso, o Teatro Castro Alves. O Brasil era todo futuro, na democracia emergente de Juscelino Kubitscheck. Foi há muito tempo e não se pode voltar ao futuro.

Do 3º Distrito acompanhei de perto o trabalho lúcido e tenaz de Rodrigo Melo Franco, de Lúcio Costa e dos modernistas da SPHAN de inserção da nova arquitetura e reciclagem de nossas velhas cidades, de forma orgânica, não substitutiva. Nesta escola aprendi que a defesa do patrimônio, passado e presente, não se logra apenas na prancheta ou no canteiro. Tive assim de trocar, muitas vezes, a régua e o

compasso pela pena e o teclado, identificando, documentando, fundamentando e tentando resgatar o que sobrou do repasto, embora consciente da desigualdade do embate e da nonada de minha contribuição. Chego portanto a esta Academia de Letras na constrangedora situação de não trazer nenhuma obra inspirada, mas apenas um alforje com fichas ensebadas e transpiradas.

O cadinho das artes

Sou apenas um aprendiz de arquiteto. Vitrúvio ensina que com materiais simples e toscos, como a pedra e o tijolo, e um desígnio ou desenho na mente, podemos fazer uma construção útil, sólida e bela. Não tenho feito nestes anos senão juntar "tijolo com tijolo num desenho lógico", na feliz expressão de Chico Buarque, e tentar construir ou restaurar "quatro paredes sólidas" e um vazio espaçoso, se possível belo e mágico.

Tenho a convicção de que esta eleição, mais que a mim, visou homenagear uma categoria. Visou resgatar a imagem de uma profissão que tem sido injustamente associada à destruição desta cidade. O que vem ocorrendo em Salvador não se deve a nenhum plano urbanístico ou arquitetônico, mas a sua ausência. Deve-se ao autoritarismo, ao imediatismo das ações setoriais, à especulação imobiliária, ao suborno e à pobreza. Deste crime somos todos culpados: autoridades, edis, empresários, fiscais, vendedores, compradores, usuários, contribuintes e eleitores.

A admissão de um arquiteto nesta Academia, idealizada e organizada pelo Eng. Arlinto Fragoso, assinala também sua abertura a outras manifestações de arte, como declarou seu presidente, Acadêmico Cláudio Veiga, que a consolidou como uma instituição atuante, mediadora da criação, do conhecimento, da crítica e da preservação da cultura baiana; que a dotou de um estatuto moderno, ampliando seus objetivos e substituindo o vexame do "petitório" pela indicação livre de novos membros. Para minha felicidade é este insigne professor, ensaista e poeta que irá me saudar, logo após esta fala, a quem agradeço sensibilizado, de antemão.

Em meio ao passado e o futuro

Minha geração é talvez a última a ter a fortuna de conhecer uma Salvador ainda unitária, urbana e bela, suspensa em meio ao oceano e o golfo e ornada de dunas, lagoas e vales. As reformas do início do século, embora subtraindo-lhe importantes monumentos, não haviam conseguido destruir sua topografia, seu verde, sua escala e suas amplas panorâmicas.

Mas a partir dos anos 50 iniciou-se a destruição silenciosa, anônima e sistemática de toda uma cidade, sem outro propósito senão a engorda e multiplicação do solo urbano, convertido em mercadoria e bolsa. Não apenas a produção arquitetônica centenária, como a tectônica milenar foram sendo arrasadas sorrateiramente. O que não pôde ser demolido ou terraplenado, por força da lei, foi abandonado e marginalizado. Desapareceram sob cortinas de espessa mediocridade o céu, o mar, o verde e a própria cidade, inutilmente.

Devo ao poeta e Acadêmico Godofredo Filho, infelizmente ausente nesta noite por motivos de saúde, a iniciação, ainda estudante, nesta campanha, no 3º Distrito da antiga SPHAN. Vinha de acalorados debates sobre arquitetura e arte na velha escola da rua do Tijolo, em que se esgrimavam Lina Bardi, Diógenes Rebouças, Admar Guimarães, Romano Gallefi, Mário Cravo, e não raro Glauber Rocha, cuja presença provocava sempre pequenos abalos. Vivíamos um tempo novo, de discussão dos problemas brasileiros, de construção de Brasília, do Concretismo, do Cinema Novo. Na Bahia, construia-se, sob projeto ambicioso, o Teatro Castro Alves. O Brasil era todo futuro, na democracia emergente de Juscelino Kubitscheck. Foi há muito tempo e não se pode voltar ao futuro.

Do 3º Distrito acompanhei de perto o trabalho lúcido e tenaz de Rodrigo Melo Franco, de Lúcio Costa e dos modernistas da SPHAN de inserção da nova arquitetura e reciclagem de nossas velhas cidades, de forma orgânica, não substitutiva. Nesta escola aprendi que a defesa do patrimônio, passado e presente, não se logra apenas na prancheta ou no canteiro. Tive assim de trocar, muitas vezes, a régua e o

dava expressão inteligente ao pó. Trinta anos mais tarde, ao retomarem para escreverem suas obras, Vieira, já consagrado internacionalmente como orador, mas ainda inédito, e Gregório, apenas "jurista notável", deparam-se com uma cidade monumental, em construção.

No recinto amuralhado, o Gov. Francisco Barreto de Menezes havia refeito a Casa da Câmara e Cadeia e o Paço dos Governadores. Os Jesuítas concluiam sob projeto do arquiteto Pe. Belchior Pires sua igreja, no Terreiro. Ali perto os franciscanos iniciavam o seu convento. A Misericórdia edificava seu claustro e o novo hospital, com assessoria do arquiteto frei Macário de São João. Extramuros, a maioria das Ordens estava concluindo ou iniciando suas imponentes fábricas: no Sodré, na Palma, em São Bento, no Desterro. No Recôncavo, os franciscanos, recém-emancipados de Portugal, haviam criado, em Cairu e no Iguape, monumentais templos piramidais suspenso em arcos que haveriam de ser um paradigma para todo o Nordeste.

Quem são os autores, pouco conhecidos, destas obras? Qual a sua originalidade? A questão é a mesma na literatura, na imaginária ou na arquitetura. O que importa saber é que aqui estas obras foram recriadas não indiferentes a presença suntuosa do sol tropical, de uma natureza exótica e frondosa e de uma sociedade mestiça e sensual. Afinal, não foi algo semelhante o que fizeram os romanos com relação aos gregos, os humanistas com relação aos clássicos e os artistas barrocos com relação aos renascentistas?

Amando pelo avesso

Aqui, escritores, artistas e artífices – nativos e estrangeiros – juntaram-se para recriar a arte do velho continente sob a óptica de um mundo novo e ampliado. Vieira, que trocou Roma pela Bahia para aqui reescrever seus sermões e cartas, ainda pôde alcançar Frei Macário de São João, em Santa Tereza, demonstrando Pitágoras em pedra e incorporando o copiar indígena, sob a forma de galilé, à planta de Il Gesú de Roma. Mas Gregório, que retornou a Bahia em 1682, como tesoureiro-mor da

Em meio ao passado e o futuro

Minha geração é talvez a última a ter a fortuna de conhecer uma Salvador ainda unitária, urbana e bela, suspensa em meio ao oceano e o golfo e ornada de dunas, lagoas e vales. As reformas do início do século, embora subtraindo-lhe importantes monumentos, não haviam conseguido destruir sua topografia, seu verde, sua escala e suas amplas panorâmicas.

Mas a partir dos anos 50 iniciou-se a destruição silenciosa, anônima e sistemática de toda uma cidade, sem outro propósito senão a engorda e multiplicação do solo urbano, convertido em mercadoria e bolsa. Não apenas a produção arquitetônica centenária, como a tectônica milenar foram sendo arrasadas sorrateiramente. O que não pôde ser demolido ou terraplenado, por força da lei, foi abandonado e marginalizado. Desapareceram sob cortinas de espessa mediocridade o céu, o mar, o verde e a própria cidade, inutilmente.

Devo ao poeta e Acadêmico Godofredo Filho, infelizmente ausente nesta noite por motivos de saúde, a iniciação, ainda estudante, nesta campanha, no 3º Distrito da antiga SPHAN. Vinha de acalorados debates sobre arquitetura e arte na velha escola da rua do Tijolo, em que se esgrimavam Lina Bardi, Diógenes Rebouças, Admar Guimarães, Romano Gallefi, Mário Cravo, e não raro Glauber Rocha, cuja presença provocava sempre pequenos abalos. Vivíamos um tempo novo, de discussão dos problemas brasileiros, de construção de Brasília, do Concretismo, do Cinema Novo. Na Bahia, construía-se, sob projeto ambicioso, o Teatro Castro Alves. O Brasil era todo futuro, na democracia emergente de Juscelino Kubitscheck. Foi há muito tempo e não se pode voltar ao futuro.

Do 3º Distrito acompanhei de perto o trabalho lúcido e tenaz de Rodrigo Melo Franco, de Lúcio Costa e dos modernistas da SPHAN de inserção da nova arquitetura e reciclagem de nossas velhas cidades, de forma orgânica, não substitutiva. Nesta escola aprendi que a defesa do patrimônio, passado e presente, não se logra apenas na prancheta ou no canteiro. Tive assim de trocar, muitas vezes, a régua e o

Qual homem pode haver tão paciente
Que vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire, e não lamente?

Tal como Vieira, Gregório, usando o barroco, lançou-se contra as próprias bases político sociais que o produziram. É assim, a um só tempo, um barroco e um pós-barroco.

A arte baiana seiscentista invadiria os primeiros anos do século seguinte, com Gabriel Ribeiro recriando em arenito marinho e expondo ao jogo de luz e sombra tropicais a talha que aprendeu na penumbra dos interiores do Porto. O Setecentos acrescentaria apenas luxo e um certo amaneiramento a estas invenções.

A Boca do Inferno, resgatado em sua inteireza literária, biográfica e crítica pelos seus maiores estudiosos e ilustres membros desta Academia – James Amado, Fernando da Rocha Peres e João Carlos Teixeira Gomes – continua vivo e atual, escapando, 275 anos após sua morte, de uma emboscada de novos "caça-fantasmas" para difundir sua obra, fazer parcerias musicais, renascer em personagens de teatro e romance, inspirar novos poetas e deixar perplexos os críticos.

Na riqueza ou na depressão, o perfil da sociedade baiana não mudaria e Aloísio Lopes Pereira de Carvalho, o Lulu Parola, fundador desta cátedra, no início deste século, quando a Bahia amargava uma de suas piores crises, usaria a mesma arte da sátira, se não para tentar modificá-la, ao menos para registrar seu protesto e inconformismo.

Renascimento baiano

Mas a Bahia não é só o celeiro de talentos que para realizar-se têm que se exilar em terras estranhas, a "madrasta dos Naturais". É também o chão mágico, cuja paisagem e povo cativam artistas e viajantes e onde ciclicamente rebentam suas profundas raízes em verdadeiras revoluções. Três séculos depois do verdadeiro período áureo de sua arte, a Bahia viveria um autêntico Renascimento, que se ca-

Em meio ao passado e o futuro

Minha geração é talvez a última a ter a fortuna de conhecer uma Salvador ainda unitária, urbana e bela, suspensa em meio ao oceano e o golfo e ornada de dunas, lagoas e vales. As reformas do início do século, embora subtraindo-lhe importantes monumentos, não haviam conseguido destruir sua topografia, seu verde, sua escala e suas amplas panorâmicas.

Mas a partir dos anos 50 iniciou-se a destruição silenciosa, anônima e sistemática de toda uma cidade, sem outro propósito senão a engorda e multiplicação do solo urbano, convertido em mercadoria e bolsa. Não apenas a produção arquitetônica centenária, como a tectônica milenar foram sendo arrasadas sorrateiramente. O que não pôde ser demolido ou terraplenado, por força da lei, foi abandonado e marginalizado. Desapareceram sob cortinas de espessa mediocridade o céu, o mar, o verde e a própria cidade, inutilmente.

Devo ao poeta e Acadêmico Godofredo Filho, infelizmente ausente nesta noite por motivos de saúde, a iniciação, ainda estudante, nesta campanha, no 3º Distrito da antiga SPHAN. Vinha de acalorados debates sobre arquitetura e arte na velha escola da rua do Tijolo, em que se esgrimavam Lina Bardi, Diógenes Rebouças, Admar Guimarães, Romano Gallefi, Mário Cravo, e não raro Glauber Rocha, cuja presença provocava sempre pequenos abalos. Vivíamos um tempo novo, de discussão dos problemas brasileiros, de construção de Brasília, do Concretismo, do Cinema Novo. Na Bahia, construía-se, sob projeto ambicioso, o Teatro Castro Alves. O Brasil era todo futuro, na democracia emergente de Juscelino Kubitscheck. Foi há muito tempo e não se pode voltar ao futuro.

Do 3º Distrito acompanhei de perto o trabalho lúcido e tenaz de Rodrigo Melo Franco, de Lúcio Costa e dos modernistas da SPHAN de inserção da nova arquitetura e reciclagem de nossas velhas cidades, de forma orgânica, não substitutiva. Nesta escola aprendi que a defesa do patrimônio, passado e presente, não se logra apenas na prancheta ou no canteiro. Tive assim de trocar, muitas vezes, a régua e o

Qual homem pode haver tão paciente
Que vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire, e não lamente?

Tal como Vieira, Gregório, usando o barroco, lançou-se contra as próprias bases político sociais que o produziram. É assim, a um só tempo, um barroco e um pós-barroco.

A arte baiana seiscentista invadiria os primeiros anos do século seguinte, com Gabriel Ribeiro recriando em arenito marinho e expondo ao jogo de luz e sombra tropicais a talha que aprendeu na penumbra dos interiores do Porto. O Setecentos acrescentaria apenas luxo e um certo amaneiramento a estas invenções.

A Boca do Inferno, resgatado em sua inteireza literária, biográfica e crítica pelos seus maiores estudiosos e ilustres membros desta Academia – James Amado, Fernando da Rocha Peres e João Carlos Teixeira Gomes – continua vivo e atual, escapando, 275 anos após sua morte, de uma emboscada de novos "caça-fantasmas" para difundir sua obra, fazer parcerias musicais, renascer em personagens de teatro e romance, inspirar novos poetas e deixar perplexos os críticos.

Na riqueza ou na depressão, o perfil da sociedade baiana não mudaria e Alofsio Lopes Pereira de Carvalho, o Lulu Parola, fundador desta cátedra, no início deste século, quando a Bahia amargava uma de suas piores crises, usaria a mesma arte da sátira, se não para tentar modificá-la, ao menos para registrar seu protesto e inconformismo.

Renascimento baiano

Mas a Bahia não é só o celeiro de talentos que para realizar-se têm que se exilar em terras estranhas, a "madrasta dos Naturais". É também o chão mágico, cuja paisagem e povo cativam artistas e viâjantes e onde ciclicamente rebentam suas profundas raízes em verdadeiras revoluções. Três séculos depois do verdadeiro período áureo de sua arte, a Bahia viveria um autêntico Renascimento, que se ca-

local. É quando se cometem, também, os maiores atentados contra Salvador, atin gindo sua própria centralidade e patrimônio territorial. Mas cultura é aquilo que resta na memória de um povo, quando tudo mais se perdeu. Pouco a pouco recriaremos tudo outra vez, desde que não nos falte liberdade.

Um homem público

O Renascimento Baiano teve, naturalmente, antecedentes mais remotos. A Semana de 22 chegou à Bahia pelo correio, isto é, sem imagens nem vozes, apenas sob forma escrita, com seis anos de atraso. O grupo Arco e Flexa, representante ofi cioso do Modernismo na Bahia, pelas suas relações com Bandeira, Rodrigo Melo Franco e Assis Chateaubriand, iria produzir uma poesia depurada, que influenciaria 30 anos mais tarde, a chamada geração Glauber Rocha e seria o protagonista da luta pela preservação do patrimônio baiano, a partir da criação da SPHAN.

O grupo alternativo, Academia dos Rebeldes, indo além da Semana de 22 despertaria o interesse pela cultura popular, que seria a tônica de todos os movimentos culturais, a partir da geração de Caderno da Bahia. Mas os dois grupos, tendo se restringido à literatura, teriam vida curta e se dispersariam, à medida que se deteriorava a situação política pós Revolução de 30.

É neste quadro de crise política e cultural que haveria de surgir, para ajudar a superá-la, a figura excepcional de homem público e escritor que foi Luís Viana Filho titular desta cadeira, de 1942 a 1990. Traçar o seu perfil e de sua obra, para quem só traçou plantas e cortes e não teve o privilégio de privar de sua convivência, é desafio quase impossível de superar. Perfil dispensável, ao meu ver, diante da memória tão viva e presente nesta Casa de seu vulto e personalidade e porque outros já o fizeram, com melhor aptidão e brilho, como o saudoso Navarro de Brito, Renato Berbert de Castro e mais recentemente Edvaldo Boaventura, todos seus colaboradores. Mas desta missão não posso me eximir.

Sua dupla vocação de homem público e de letras manifesta-se, ainda estudan-

te da Faculdade de Direito da Bahia, como presidente do Centro Acadêmico Rui Barbosa e como jornalista do **Diário da Bahia** e de **A Tarde.** É também desta época e âmbito as amizades que conservaria por toda a vida.

A vocação política lhe vinha do berço. Era filho do Conselheiro Luís Viana e embora tenha nascido em Paris, em 1908, veio para a Bahia com um par de anos. Conviveu com o pai apenas doze anos, mas foi o suficiente para sentir as enormes contradições que assolavam e assolam o país e se apaixonar, muito cedo, pela Política, no afã de modificar esta realidade. A vocação de escritor, ao contrário, foi cultuvada, embora despertada pelo político.

O início de sua vida pública demonstra a bravura deste homem resoluto e pertinaz, mas ao mesmo tempo gentil, afável, culto, elegante, sutilmente irônico e discreto. Apoiara entusiasticamente a Revolução de 30, mas pouco depois começou a duvidar das pretensões de Getúlio Vargas e ficou ao lado de Octávio Mangabeira, que de Ministro do Exterior fora reduzido a exilado. Em 1932, redigiu com um grupo de amigos o manifesto de apoio à Revolução Constitucionalista de São Paulo, o que lhe valeu a prisão durante três dias e nesta a decisão de lutar, a qualquer preço, pela defesa dos direitos civis.

Perfila-se assim com os Autonomistas de Pedro Lago, seu padrinho, Octávio Mangabeira, Simões Filho, Aloísio de Carvalho Filho, Nestor Duarte e Jaime Junqueira Aires, grupo que iria constituir-se no principal foco de resistência democrática e que promoveria, a partir de 1947, o Renascimento Baiano.

Após outras tentativas, assume, com apenas 27 anos, a Câmara Federal, mas é cassado, com todo o Congresso, dois anos mais tarde, pelo golpe de 1937. Decepcionado, mas sem se deixar abater, retoma a Salvador para prosseguir no jornalismo, na advocacia e para lutar por uma cátedra.

Este acidente frustrante haveria porém de revelar ao Brasil sua outra vertente, não menos importante, a de homem de letras. Interrompe temporariamente sua carreira política para assumir plenamente sua vocação literária. Não renunciaria porém à militância pela democracia, nem se ilude com os totalitarismos, que à época pareciam levar a caminhos novos e díspares. Muda apenas de tática. **A Sabinada,** pu-

blicada um ano mais tarde, e que revive a revolução republicana de um século at na Bahia, é um lembrete e uma conclamação aos revolucionários de 30:

> *As revoluções fracassadas não se identificam pelas suas transigênc Marcam-se pelas idéias, que lhe deram impulso, agremiaram home agitaram os espíritos e as deflagraram.*

A Vida de Rui Barbosa, que inaugura o seu gênero predileto e que o cor graria como o "príncipe dos biógrafos brasileiros", na avaliação abalizada de Al de Amoroso Lima, é também uma obra política, como reiterou, várias vezes, a varro de Brito. "Rui, neste momento, é mais do que uma grande vida – é um ex plo, uma lição e uma bandeira. Urgia voltar às suas lutas, recompondo o seu ac rável itinerário de homem de letras e homem público, para que a biografia, deixa de ser um simples relato de ordem histórica, tivesse também o valor pragmático modelo a seguir". Comentaria, mais tarde, Josué Montello.

Luís Viana Filho havia se iniciado nas rodas boêmio-literárias dos cafés Ajuda, ainda estudante, quando ali se reuniam os grupos Arco e Flexa e Acade dos Rebeldes, mas logo cedo abandonara a boemia com o casamento com D. sua parceira na vida familiar, política e literária. Alguma influência teria ficado período. Antes de dedicar-se à biografia colaborou com as revistas Renasce Seiva e Cultura Jurídica, da qual foi um dos fundadores. Fez crítica literária, publ sobre direito, lingüística e história.

Em **O Negro na Bahia**, de 1945, retoma os estudos iniciados por Nina Rc gues e Manoel Querino, mas cujo interesse havia sido renovado por membros Academia dos Rebeldes, como Edson Carneiro e Jorge Amado. Nele corrige, farta documentação, a tendência simplista de atribuir nossa formação negra, es sivamente, aos sudaneses.

A publicação deste livro coincide com o término da II Grande Guerra e a re mocratização do país. Luís Viana Filho assumiria relevante papel nesta nova fas vida baiana e brasileira, elegendo-se com Aloísio de Carvalho Filho, Aliomar Ba

ro e João Mangabeira para a Assembléia Constituinte, preparando e dando cobertura ao novo governo autonomista, formado por seus correligionários e amigos: Octávio Mangabeira, Albérico Fraga, Nestor Duarte, Anísio Teixeira e outros. Este grupo, que incluia também Clemente Mariani, então ministro da Educação e Saúde, arrancaria a Bahia do marasmo econômico e cultural em que se encontrava, há pelo menos meio século.

Restabelecido o processo político, Luís Viana Filho trocaria o papel de historiógrafo pelo de protagonista da própria história. Participou, ao todo, de seis legislaturas na Câmara Federal e duas no Senado, durante as quais defendeu sem trégua os interesses da Bahia e do Nordeste. Colaborou ativamente na elaboração de três constituições, inclusive a vigente.

Com o Movimento de 1964 trocaria temporariamente o Legislativo pelo Executivo, ocupando a Chefia da Casa Civil do Governo Castelo Branco e exercendo interinamente os Ministérios da Justiça e Educação e Cultura. Dois anos mais tarde, é eleito pela Assembléia Legislativa Governador da Bahia, repetindo o que fizera seu pai, 67 anos antes. Aproveitando a conjuntura favorável, impulsiona a industrialização do Estado, implementando o Centro Industrial de Aratu, criando a Petroquímica de Camaçari e ampliando e modernizando a infra-estrutura territorial, especialmente viária.

A par da reestruturação da economia baiana, até então predominantemente agrícola, Luís Viana Filho dá grande ênfase à educação e à cultura, especialmente no interior. Cria a Universidade de Feira de Santana e numerosos embriões universitários, hoje integrados em universidades multicampi. Duplica o complexo esportivo da Fonte Nova. Institui pioneiramente no país a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, incentiva o movimento editorial, cria a Biblioteca Central e os museus Wanderley Pinho, em Matuim; das Alfaias, em Cachoeira e o Parque Histórico de Castro Alves.

Cumpridos os prazos legais, retoma ao legislativo elegendo-se senador em 75, sendo reconduzido em 82. Completa assim mais de meio século de presença continuada e profícua nas duas Casas da representação popular. "Cinqüenta e cinco

A Bahia sempre unanimemente divergente, encontrou um momento-e que se tornou unanimemente convergente, inclinada diante do esqui de meu pai, num preito de respeito, gratidão e saudade.

Para terminar

Curvado pelo peso da responsabilidade, aqui estou, não para substituir a figu ímpar de Luís Viana Filho, mas apenas para sucedê-lo, cumprindo o mandato que vossa condescendência me atribuiu. Missão que assumo com humildade, mas cc o compromisso de dar tudo de mim de modo a honrar a memória dos que me ant cederam e merecer a ilustre companhia de meus confrades.

Ao atingir esta cumeada, não posso esquecer aqueles que possibilitaram es escalada ou que me apoiaram ao longo da caminhada. Tive a sorte de nascer e uma família grande e plural. Meu pai, um espírito quase puro, agudo, polimorfo, lú do e sempre renovado, acima de qualquer vicissitude humana, "um anjo sendo h mem", como resumiu Godofredo Filho. Minha mãe, um ser humano em toda sua p ralidade, inteligente e batalhadora, que construiu a nave familiar e traçou a rota travessia, nem sempre fácil. O "hardware" sem o qual nenhum "software", mesmo mais avançados, funciona. Temperamentos tão diversos quanto complementare Destas duas fontes, nós, seus oito filhos, aprendemos tudo sobre a vida, de forr dialética e interativa, como ocorre numa grei.

A Esterzilda, meeira desta caminhada vivida 24 horas por dia, devo não ap nas o estímulo, devo a parceria criativa, a avaliação crítica do meu trabalho e ações as correções de rota, o aparo de minhas arestas. Devo a ela a aventura infinda desvendar a alma feminina e, mais que tudo, os três filhos lindos – Luciano, Marce e Renata – que criamos e curtimos.

Não poderia deixar, nesta oportunidade, de render minha gratidão ao amig poeta maior e Acadêmico Godofredo Filho, que tanto influenciou em minha form ção. Com ele aprendi não apenas de poesia, de nosso patrimônio e do comer e b

A este tríptico ajunta um segundo, constituído por três das maiores figuras da literatura luso-brasileira: Machado de Assis (1965), José de Alencar (1979) e Eça de Queiroz (1983). Mais uma vez Luís Viana Filho inclui um político e homem de letras como ele, José de Alencar. Neste caso, o biógrafo resgata o político, que afrontou desde o Imperador até os chefes de estado, mas que havia sido ofuscado pelo brilho do fundador de nossa literatura.

Gilberto Freire ao comentar este livro sintetiza o conjunto de sua obra: "Biografia quase cientificamente exata nas suas bases. Mas sem cientifismo algum em suas aparências. Do começo ao fim, o autor de **Vida de José de Alencar** é escritor – repita-se – elegantemente literário. Esplendidamente literário. Intransigentemente literário".

Enquanto termina sua última trilogia, Luís Viana Filho salta do final do século passado para a atualidade, completando sua galeria de magistrais retratos, com duas biografias nas quais é ao mesmo tempo autor e personagem. **O Governo Castelo Branco** (1975) não é apenas uma biografia, é ensaio polêmico de ciência política e história, indispensável à compreensão de um dos momentos cruciais da história recente do país. Em **Anísio Teixeira, a polêmica da educação,** seu último trabalho, revive a figura de nosso maior educador e um dos principais protagonistas do Renascimento Baiano.

Luís Viana Filho teve em vida o reconhecimento de toda a Sociedade pelo trabalho que desenvolveu como homem público e de letras. Recebeu todas as grandes condecorações dos Governos Brasileiro e Português, foi eleito membro desta insigne Casa (1943), da Academia Brasileira de Letra (1954), da Academia Internacional de Cultura Portuguesa (1967), das Academias de História e Ciências de Lisboa (1974) e da Academia Brasiliense de Letras (1982). Recebeu ainda o título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, onde foi catedrático de Direito Internacional Privado e História do Brasil. E mais que tudo, teve o respeito e a estima de seu povo, demonstrada em inúmeras oportunidades. Sobre a última e mais comovida destas homenagens, ressaltou, com absoluto rigor, o Senador Luís Viana Neto, em compungida oração no Senado Federal, quando ocupou sua vaga:

A Bahia sempre unanimemente divergente, encontrou um momento-e
que se tornou unanimemente convergente, inclinada diante do esqui
de meu pai, num preito de respeito, gratidão e saudade.

Para terminar

Curvado pelo peso da responsabilidade, aqui estou, não para substituir a figur
ímpar de Luís Viana Filho, mas apenas para sucedê-lo, cumprindo o mandato que
vossa condescendência me atribuiu. Missão que assumo com humildade, mas cor
o compromisso de dar tudo de mim de modo a honrar a memória dos que me ante
cederam e merecer a ilustre companhia de meus confrades.

Ao atingir esta cumeada, não posso esquecer aqueles que possibilitaram est
escalada ou que me apoiaram ao longo da caminhada. Tive a sorte de nascer en
uma família grande e plural. Meu pai, um espírito quase puro, agudo, polimorfo, lúci
do e sempre renovado, acima de qualquer vicissitude humana, "um anjo sendo ho
mem", como resumiu Godofredo Filho. Minha mãe, um ser humano em toda sua plu
ralidade, inteligente e batalhadora, que construiu a nave familiar e traçou a rota de
travessia, nem sempre fácil. O "hardware" sem o qual nenhum "software", mesmo os
mais avançados, funciona. Temperamentos tão diversos quanto complementares
Destas duas fontes, nós, seus oito filhos, aprendemos tudo sobre a vida, de forma
dialética e interativa, como ocorre numa grei.

A Esterzilda, meeira desta caminhada vivida 24 horas por dia, devo não apenas o estímulo, devo a parceria criativa, a avaliação crítica do meu trabalho e ações, as correções de rota, o aparo de minhas arestas. Devo a ela a aventura infinda do desvendar a alma feminina e, mais que tudo, os três filhos lindos – Luciano, Marcelo e Renata – que criamos e curtimos.

Não poderia deixar, nesta oportunidade, de render minha gratidão ao amigo, poeta maior e Acadêmico Godofredo Filho, que tanto influenciou em minha formação. Com ele aprendi não apenas de poesia, de nosso patrimônio e do comer e be-

ber elevados à condição de ritual e arte, aprendi, em onze anos de trabalho e convívio, o sentido mais profundo da relatividade da condição humana.

Por último, quero compartir as emoções desta noite com todos aqueles – e são tantos que não poderia enumerá-los sem o risco da omissão – que na antiga SPHAN, na UFBa, e no IPAC-SIC se deixaram empolgar pelo mesmo desafio de tentar salvar um patrimônio popular, não monumental e desprotegido, através do gesto mínimo da identificação e do registro.

Quero encerrar fazendo minhas as palavras da Acadêmica e poetisa Myriam Fraga, quando ocupou esta mesma tribuna. Nada teria a tirar ou a acrescentar, diante de tanta clareza:

> *A esta cidade dedico este momento, a ela e a seu povo que é meu povo: sofrido, inculto, muitas vezes triste, faminto e abandonado. Um povo que guarda a poesia no coração, no riso fácil, nas cantigas, na dança. Um povo que talvez nem saiba o que é Academia, mas que conhece certamente os valores mais altos da cultura e que, por seu sofrimento e resignação, se faz credor e guardião da verdadeira imortalidade.*